



Ὁ Μητροπολίτης Μπουένος Άϊρες Ἰωσήφ

HOMILIA

III Domingo de Mateus

*Quem dentre vós, com as suas preocupações,
pode acrescentar um só côvado à duração da sua vida?*

Jesus é direto, claro, absoluto, ineludível em sua mensagem: **o objetivo, o destino do homem é Deus**. Essa é a (sobre-)natureza das coisas. Assim está estabelecido desde a fundação do mundo: «*E aos que predestinou, também chamou; aos que chamou, também justificou; aos que justificou, também glorificou*» (Rm 8:30).

Em outras palavras, **o ambiente natural para o qual o homem foi criado é o «Reino» de Deus** que foi revelado e adveio no Cristo-Messias. Jesus, ao longo de sua proclamação pública, ao se referir ao «Reino» mostra-o, descreve-o, interpreta-o e dá as chaves para poder viver nesta nova dimensão.

Claro que, para viver nessa nova realidade, há uma iniciação¹: — «*Só uma coisa te falta: Vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; então, vem e segue-me*» (Mc 10:21). A iniciação, nesta nova versão do «mistério», não tem, paradoxalmente, um caráter litúrgico ou ritual, - simbólico - como nos antigos mistérios helênicos. O caráter é exclusivamente **existencial, real, palpável**. Trata-se do **desprendimento** total, da desafeição, até mesmo da displicência e apatia de tudo o que não é Deus mesmo, ou seja, de todo o criado.

O termo, eminentemente cristológico, no qual decanta a iniciação, é «*Kênosis*». Diz o Apóstolo: «*Haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, que,*

¹ Antes eu diria uma condição. Hoje digo uma iniciação necessária para iluminação e elevação. A iniciação é, por sua vez, ascese, é a adequação contínua do homem nesta nova atmosfera, nesta nova dimensão vivencial onde o limite vai se desvanecendo analogamente para dar lugar à Unidade e ao Todo.

sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, Mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo (...)» (Fp 2:5-7).

A exortação apostólica não deixa margem para dúvidas: *sintam-se como Cristo; ajam como Cristo; pensem como Cristo: sejam Cristo!* A *Kênosis*: «**não estimar o ser o que se é (ou o que se acredita ser) como algo a que se apegar**». Cuidado! O desapego não se refere apenas às coisas materiais, mas chega à própria existência do homem: a negação de *si mesmo*; o «sentir», o «desejo» de Cristo: anular-se – despojar-se esvaziar-se de si mesmo, do que se é – ou, em nosso caso, do que se pensa ser – e do que se possui – ou se crê possuir – para, finalmente, **autoperceber-se** como realmente se é e existe ao mesmo tempo. O desprendimento do Cristo – a *kênosis*- de acordo com os Santos Padres significa a assunção da natureza humana. *Da mesma forma, nosso desapego significa a assunção da natureza divina; sempre por Graça* que permite a natureza superar-se – transcender-se - a si mesma e se tornar supra natureza, ou seja, no tecido interno e energético - τὸ ἐνεργειακὸν πλέγμα - do «Reino».

Esta **iniciação kenótica** evoca irremediavelmente a **liberdade** e a **liberalidade** dos habitantes do Reino, sempre, mas sempre à imagem de Deus. Claro que, sem liberdade não há Reino. Mas, não há liberdade plena que não tenha sido precedida por esse processo, pelo **desapego iniciático** que constitui o homem livre - principalmente de si mesmo - na medida em que o coloca por inteiro em **relação** com a sua Contraparte Incriada. A liberdade - auto soberania - assume sua verdadeira dimensão após a sua experiência dramática de esvaziamento de si mesmo e de tudo ao seu redor. *Então, a liberdade decanta imperiosamente na liberalidade: dar-se gratuitamente, como o Cristo.*

O que é mais fácil? Dar posses ou dar-se integralmente? Depende dos diferentes critérios e da clareza de sua interpretação. São João Crisóstomo fala desta confusão: «*Muitos julgam mal as coisas aqui de baixo e por isso cai em desânimo. Acontece que os loucos se espantam do que nada tem de espantoso, temem coisas que muitas vezes não existem e fogem das sombras. Os que temem perder dinheiro se parecem com eles. Com efeito, tal temor não é atribuível à natureza, mas à vontade. Se houvesse aqui um real motivo de aflição, todos aqueles que sofrem perdas seriam miseráveis; mas, se a mesma desventura não produz em nós a mesma aflição, isso significa que o princípio da aflição não está na natureza, mas na baixeza de nossos pensamentos*»².

Na verdade, nossa alienação não tem limites. É por isso que o jovem rico, ao ter invertidas as realidades - *talvez por causa de uma formação religiosa rigorosa* – afasta-se desiludido: ele acreditava que suas posses eram superiores à sua própria alma; ou, em outras palavras, ele acreditava que cumpria a lei de Deus - na verdade, ele a

². S. João Crisóstomo, *Comentário sobre o Salmo 9*, 1.

cumpriu «*religiosamente*» - quando não podia sequer desprender-se de si próprio: estava convencido de que se dava a Deus - e ao seu próximo - quando sequer podia renunciar a sua própria vida.

Invertidos os termos da iniciação, não há «Reino», há submissão; cessa a auto-soberania e sucede a libertinagem; o dar-se é suplantado pelo sobrepor-se; o desprendimento decanta - pervertido- em *filargiria* (amor ao dinheiro) e *pleonexia* (compulsão de ter mais); a *kênosis* torna-se *cenodoxia* (vanaglória) e, por fim, o «ser» vai amortecendo até converter-se em meras funções fisiológicas que terminam no hedonismo mais vil e pervertido.

As palavras do Senhor ressoam no Evangelho de hoje:

«A lâmpada do corpo é o olho. Portanto, se teu olho estiver são, todo teu corpo ficará iluminado; mas se teu olho estiver doente, todo teu corpo ficará escuro. Pois se a luz que há em ti são trevas, quão grandes serão as trevas!»